

Futebol americano: borrando fronteiras¹

A diversidade cultural, contrapondo-se à construção histórica da escola, fez com que uma instituição criada para “poucos”, se tornasse um espaço democrático, um campo de conflito onde muitas vezes torna-se o lugar em que o poder e a regulação social acontecem por meio do currículo, dos discursos e das políticas educacionais.

As teorias pós-críticas em educação vêm contribuir na elucidação e no questionamento das relações socioculturais sem apagar os avanços das abordagens críticas, problematizando a política de identidade e diferença presentes, onde destacamos a contribuição dos Estudos Culturais e do multiculturalismo crítico.

Os Estudos Culturais, segundo Escosteguy (2006), são originalmente uma “invenção” britânica no pós-guerra, hoje acontecendo em diversos países. Seus conceitos não são fixos mas, possivelmente, operam de forma similar nos diferentes contextos nacionais ou regionais, estando atrelados aos movimentos teórico-políticos que ressaltam os contextos culturais encontrados na sociedade.

A cultura é entendida como um campo de lutas em torno da produção de sentidos, ou seja, os diferentes grupos sociais se alternam em posições de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade como um todo. A escola é um dos espaços culturais onde nascem, borbulham, emergem e trans-

¹ Trabalho desenvolvido pelo Prof. Alexandre Vasconcelos Mazzoni no Colégio Santa Clara e comentado pelo Prof. Ronaldo dos Reis.

cendem questões de poder e geram situações de conflitos e resistências.

Os Estudos Culturais analisam a diversidade dentro de cada cultura e sobre as diferentes culturas, sua multiplicidade e complexidade. Apontam que as relações de poder e dominação, como os regimes de verdades, por vezes impostos por grupos hegemônicos, devem ser questionadas. Deste modo, procuram intervir nessa construção, como também atribuindo valores mais democráticos às práticas, evitando assim uma homogeneização cultural proliferada pelos meios de comunicação (mass media), afirmando a impossibilidade de existirem verdades absolutas.

O multiculturalismo crítico, para Peter McLaren (1997), enfatiza o papel da linguagem na construção dos significados e da identidade. Compreende a representação de raça, classe e gênero como resultado de lutas sociais mais amplas, portanto, nessa perspectiva, a diferença é colocada permanentemente em questão a partir das relações de poder.

Nessa ótica, o currículo escolar não pode ser amarrado e amordaçado com conteúdos estanques e padronizados, mas construído pelos seus sujeitos e ligado à realidade da comunidade. Assim, o currículo necessita de novas temáticas e categorias para compreender a identidade social no meio escolar, trazendo discussões e ações sobre questões ideológicas, de reprodução e regulação, de hegemonia, de resistências e de controle.

Giroux (1999) ressalta o currículo como política cultural, espaço ativo de construção e circulação de significados sociais e não apenas de reprodução. Nele carregam-se as marcas das relações sociais de poder.

No campo da Educação Física, Neira e Nunes (2009) defendem um currículo multiculturalmente orientado, onde a prática pedagógica disponibiliza condições equitativas de diálogo para a construção coletiva.

Nessa perspectiva, o multiculturalismo crítico promoverá situações de reflexão de como a diferença é reproduzida pela sociedade e de como o professor, agente da construção das relações, promoverá situações didáticas que viabilizem o diálogo, o contato e o convívio com a diferença.

O relato a seguir apresenta a tematização da manifestação da cultura corporal futebol americano desenvolvida pelo Professor Alexandre Mazzoni em instituição de ensino privada confessional, localizada em uma região economicamente privilegiada na cidade de São Paulo, com uma turma de Ensino Médio. A partir da proposição da temática e durante toda a duração do projeto, o professor abordou questões que transcenderam os muros da escola, onde as relações étnicas e as representações na constituição da identidade dos indivíduos na manifestação cultural possibilitaram a ampliação do olhar dos estudantes, uma pedagogia comprometida com questões relevantes à formação cidadã.

A prática pedagógica foi norteadada por questões motoras, análise da gestualidade, reflexão sobre aspectos históricos e sociais, análise e interpretação de diferentes textos (gestualidade, filmes, artigos, narrativas) e reflexão sobre os contextos e o conjunto de “verdades” que, por vezes, validam ou negam as manifestações culturais, não restringindo possibilidades para as ações didáticas.

Desenvolvimento

A ideia de problematizar a manifestação cultural futebol americano surgiu em uma discussão ocorrida com uma turma do 2º ano do Ensino Médio, mais precisamente com o 2º A, no 1º semestre de 2010 e foi desenvolvida em uma instituição de ensino confessional situada na cidade de São Paulo, fundada pela “Congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Coração Imaculado de Maria”, na década de 1960, no bairro de Vila Madalena, hoje, Colégio Santa Clara.

Essa instituição, além de receber crianças e adolescentes do bairro, atende também famílias de outros locais mais distantes com o objetivo, explicitado no Projeto Político-pedagógico, de contribuir na formação de cidadãos críticos, participativos e capazes de transformarem a sociedade.

Durante as conversas em sala de aula e na quadra, percebi a empolgação que o tema futebol americano gerava na turma, pois, muitos alunos viajavam constantemente para os EUA e tinham experiências e vivências muito fortes com a cultura norte-americana. Alguns alunos e alunas já haviam morado no país por meio de intercâmbio ou passaram períodos para estudar a língua inglesa. No entanto, durante as discussões, uma parcela da turma apontava também para outra manifestação, o rugby.

Deste modo, tínhamos um dilema, tematizar o futebol americano ou o rugby, práticas oriundas de países e culturas diferentes. Busquei a ajuda dos alunos para decidir sobre a escolha da manifestação cultural corporal a ser estudada no semestre. Questionei os motivos para estudarmos uma ou outra prática e como a cultura norte-americana ou a cultura inglesa poderiam influenciar

nossa opção didática. Assim, começamos a coletar dados sobre as duas práticas corporais em termos de origem e historicidade para subsidiar as nossas discussões.

O football, como tratam os norte-americanos, surgiu de uma variação do rugby (construção inglesa) que foi trazido para os EUA em 1867. A prática foi levada para três universidades, Harvard, Yale e Mackenzie, sofrendo modificações nas suas regras, vestimentas e objetivos. O futebol americano foi então ressignificado com base em metáforas e estratégias militares como avançar a bola em território inimigo, assimilar território, utilizar-se de escaramuças², marcar posses, usar a força física e outras representações particulares do povo norte-americano. Assim, o esporte começou a caracterizar-se como uma luta pelo espaço físico, linhas de frente claramente definidas, que se movem para frente e para trás ao longo do campo, separando as equipes de ataque e defesa, unidades ofensivas e defensivas, equipes especiais em determinados momentos do jogo, equipamentos de proteção e muitos outros aparatos. Como podemos compreender, a prática foi incorporando a identidade cultural³ norte-americana marcada pela ideia de superpotência mundial, competitividade, onipotência, estrategismo, liderança em tecnologias... Ideologias⁴ frequentes nas representações dessa nação.

Na aula que se seguiu, retomamos as pesquisas dos estudantes para a tomada de decisão quanto ao projeto didático. Ouvi as

2 Formações de ataque e defesa vindas das manobras militares.

3 Segundo Hall (2005), são representações e significados daquela determinada cultura.

4 Hall (2003) concebe a ideologia como a estrutura de pensamento (linguagens, conceitos, categorias, sistemas de representação) usada nas diferentes sociedades e classes para compreender, resolver e atribuir significado ao mundo social e político, tornando inteligível aos indivíduos a forma como a sociedade funciona.

seguintes falas: “O futebol americano é mais legal, tem equipamentos”! “O rugby é mais chato, ficam todos amontoados”. “rugby não tem choque”! “Futebol americano tem mais ação”. “Super Bowl⁵, é da hora”. Foi um embate interessante. Depois de muito diálogo escolhemos a manifestação futebol americano. Ao prosseguir o questionamento e dar continuidade ao mapeamento dos saberes dos alunos, focado no tema central, registrei as seguintes falas da turma:

a) Violência no esporte. “O futebol americano é muito violento”. “Existem muitas lesões”. “Morrem muitas pessoas”. “É só pancada”.

b) Relação racial no esporte. “Os EUA são muito preconceituosos”. “Existem bairros só de negros”. “Os negros são mais fortes nos esportes”. “País racista”.

c) Organização do esporte. “Existem várias ligas no futebol americano”. “Liga universitária”. “Liga profissional”.

Diante desse mapeamento das falas, dos posicionamentos e das representações dos alunos, decidi, então, relacionar a prática às questões raciais que ocorreram e ocorrem num país tido como “exemplar e de primeiro mundo”. Um paradoxo a ser analisado: um país de primeiro mundo com sérios problemas raciais. Será que só por ser desenvolvido há garantias de não existirem essas relações? Como foram construídas essas relações?

Durante as conversas com os alunos reconheci a ideia de “supremacia branca” e, considerando o fato do colégio não ter alunos negros, apenas alguns professores e funcionários, direcionei

⁵ Jogo final da liga NFL (National Football League) disputada entre os campeões da AFC (American Football Conference) e da NFC (Nacional Football Conference). É o jogo mais assistido no mundo, sendo transmitido para mais de 180 países.

o trabalho nas aulas de Educação Física para a compreensão dos conflitos etnicorraciais.

A saber, na instituição trabalham irmãs com vivências e experiências em diferentes culturas e em diferentes realidades étnicas pelo mundo (África, Itália, Oriente Médio...). Atuaram em comunidades desprivilegiadas e, de alguma forma, trazem para os nossos alunos novos olhares e narrativas diferenciadas. Isso, ao nosso ver, possibilita o acesso e entendimento do olhar do subjugado, fundamento importante nos Estudos Culturais⁶.

Entretanto, a questão racial para os alunos, pelo menos no espaço escolar, parece muito distante e, assim, considereei a oportunidade para questionar essas identidades no meio escolar e consequentemente na sociedade.

Somado a esses fatores, temos também o estudo que os alunos haviam feito no ano anterior a respeito das décadas de 1950/60 nas aulas de História. Analisaram criticamente os conflitos segregacionistas e raciais em todo o mundo como a Guerra do Vietnã, os embates políticos e sociais como a Guerra Fria, os acordos feitos em Genebra para determinar as divisões do Vietnã em norte (comunista) e sul (capitalista), os confrontos e as repressões raciais no território norte-americano e muitos outros fatos que marcaram decisivamente aquele período.

Segundo Medeiros (1999), os Estados Unidos da América (EUA) foram, no mundo contemporâneo, um dos portos de

⁶ Área de investigação e de intervenção que concebe a cultura como um campo de luta em torno da significação social. A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos, entre eles, os subjugados.

chegada de imigrantes. Mais de quarenta milhões desembarcaram naquele país entre o fim do século XIX e o final do século XX. Historicamente, porém, não foi nada fácil a convivência entre os índios nativos da terra, negros trazidos como escravos e brancos originários da imigração. O ideal de país, para boa parte da classe média norte-americana no século XX, era aquele segundo o qual só os brancos, anglo-saxões e protestantes poderiam exercer plenamente os direitos de cidadãos.

Se, por um lado, o povo dos EUA presenciou a Ku Klux Klan, organização racista que perseguiu, surrou, enforcou e queimou negros por quase um século, procurando lembrar a todos os cidadãos daquele país que a abolição da escravidão sancionada pelo presidente Lincoln⁷ não era para valer, por outro, conheceu também uma reação organizada dos negros, para fazer frente a esses absurdos.

Em meados do século XX, surge a associação nacional para o progresso das pessoas de cor. No final da década de cinquenta aparece, no conturbado cenário dos conflitos raciais norte-americanos, aquela que se tornaria a mais importante voz pela defesa dos direitos dos negros e pela constituição de uma sociedade pluriétnica e verdadeiramente democrática, o reverendo Martin Luther King. Fervoroso adepto das ideias do libertador e político pacifista indiano Gandhi, Luther King pregava a não violência, a resistência pacífica e a desobediência civil e foi por meio de memoráveis campanhas contra as leis segregacionistas existentes,

7 Abraham Lincoln, eleito em 1860 com o apoio dos Estados do norte, desencadeou a reação do sul escravista, dando início à Guerra de Secessão americana. Responsável pela abolição dos escravos em janeiro de 1865, foi assassinado no mesmo ano, por um sulista escravocrata.

como a proibição de utilização de lugares públicos para os negros, a separação de ônibus para negros e brancos, de banheiros e, principalmente, pelo direito do voto que esse líder tornou-se um mito.

Houve, também nos EUA, o surgimento de grupos radicais que pregavam a luta corpo a corpo, como os Panteras Negras que tinham como gesto característico erguer os punhos para o alto, proclamando a Black Power, isto é, a resistência negra.

Ratificando nossa decisão, as informações acima descritas que foram debatidas nas aulas de História fundamentaram nossas análises frente à prática do futebol americano. Desta forma, mobilizamos os conhecimentos dos alunos para as seguintes problematizações: Como surgiu o futebol americano diante dessas turbulências históricas e sociais? Com quais objetivos? Foram brancos que forjaram essa prática cultural? Quais as representações que essa prática trouxe e traz atualmente? Qual o papel do negro nessa manifestação? O negro, no início, fora dessa prática e depois, dentro, como atleta! Quais as implicações desse novo sujeito? Como as comunidades agiram diante disso naquele momento? E atualmente? Enfim, muitas indagações cercadas pelo viés racial.

Diante desse cenário, apontamos o objetivo do projeto em curso e as expectativas de aprendizagem para o período de estudo. Assim, procuramos analisar e entender as construções e desconstruções da manifestação futebol americano com relação ao caráter racial nos EUA e conseqüentemente no mundo, na intenção de identificar, discutir e vivenciar as características, princípios e significados desta prática cultural corporal.

Seguindo a sequência das aulas, destacamos um episódio interessante, o relato de um dos alunos que morou nos Estados Unidos e que tinha vasto conhecimento sobre o futebol americano. Discorreu a respeito dos estádios lotados, a venda de produtos, as paradas técnicas no meio do jogo para as propagandas, as líderes de torcidas e outros assuntos que os colegas perguntavam.

Durante várias aulas, os alunos coletaram informações sobre o esporte como origem, história, campeonatos, ligas, associações, conferências, patrocínio, mídia, propaganda, cultura norte-americana, atletas branco/negro, esporte elitizado, tecnologia, curiosidades, regras, definições de jardas (110m = 120 jardas), notícias sobre futebol americano em São Paulo. Um ponto importante neste trabalho investigativo foi a busca por outras narrativas. Aproveitei o momento e chamei a atenção dos alunos para a relevância do ato de pesquisar como uma forma de vasculhar, indagar, inquirir e descobrir novos conhecimentos em diferentes gêneros textuais (jornais, blogs, revistas, twitters, gibis...). Na sequência, os alunos apresentaram à classe os dados coletados e posicionaram-se a respeito do que tinham investigado.

Na aula seguinte, fomos à quadra para vivenciarmos os movimentos e o arremesso do futebol americano. Retomamos algumas especificações sobre as regras, materiais e vestimentas que eles tinham investigado, a bola diferenciada, as jogadas, as regras, o que é um touchdown⁸, os tipos de jogadores (defesa e ataque), a quantidade de jardas no campo. Assim, distribuí várias bolas e os alunos formaram grupos para vivenciarem os arremessos. Ouvi os

⁸ Jogada principal com grande pontuação, conquistada quando um jogador tem a posse legal da bola dentro da zona de finalização.

seguintes comentários: “O arremesso é muito diferente”. “A bola vem de bico”. “Não dá para segurar”. Intervim, explicando que a bola devia flutuar. O flutuar da bola, no momento do lançamento, é muito diferente do gesto feito no Handebol, prática muito frequente no colégio. Apontei para o fato de que a nossa quadra media apenas 30m de comprimento por 15m de largura e que o campo de futebol americano tinha uma média de 120m por 60m. O ato de agarrar a bola e a corrida em deslocamento também foram discutidos.

Retomei os arremessos e propus adaptarmos o esporte no que tangia às regras e ao espaço disponível no colégio. Elencamos algumas regras básicas para começar o jogo, por exemplo: 1) Troca de passes sem deixar cair a bola, caso contrário, a bola passa para a outra equipe. 2) Só pode correr com a bola dentro da área de futsal. No restante dos espaços trocar passes. 3) Passar com bola pela linha de fundo. 4) Dependendo da jogada, valia uma determinada pontuação. A partir dessas regras começamos o jogo misto. Iniciamos com dois grupos. Depois fomos dividindo o tempo e alternando a entrada dos alunos. Percebi que alguns queriam ver o que ia acontecer para depois participar.

Um fato interessante nos jogos foi o momento de amontoar para fazer o Touchdown, as meninas chegavam e começavam a empurrar. Esperavam acontecer o choque e depois ajudavam no ato de empurrar para fazer o ponto. Durante as partidas, houve momentos de esquemas táticos e reorganizações dos jogadores. As lideranças eram tanto masculinas quanto femininas e, durante os jogos, formavam grupos para discutir o que iam fazer. Adaptavam quem ficava na defesa e quem iria para o ataque.

Houve o arremesso de uma área a outra de mais ou menos 30 metros. Houve adaptação e modificação das regras. Em minha opinião, as vivências corporais foram muito boas com integração, respeito e ampliação de movimentos.

Na aula seguinte, fomos novamente para a quadra e fizemos algumas alterações no jogo anterior. Estabelecemos uma forma de chute quando do bloqueio para entrar na linha de fundo. A situação acontecia quando alguém entrava na área de futsal e era bloqueado gerando o amontoado. Se o amontoado permanecesse sem definição da jogada ocorreria a falta. Então, delimitamos um chute em direção ao gol ou na tabela de basquete. Cada qual com uma pontuação diferente. Acertar na tabela valia mais pontos. Estabelecemos uma pontuação, também, para os arremessos em longa distância.

Dessa maneira, o jogo foi se configurando. Na minha análise, percebi alterações significativas nas formas de jogar, negociações para mudar as regras e ampliações de esquemas táticos, tais como novos posicionamentos na quadra, jogadas marcadas, deixar o melhor arremessador para iniciar as jogadas ou fazer os lançamentos, posicionar os alunos e alunas mais fortes na defesa e os mais rápidos no ataque, enfim, antes, passavam e recebiam a bola com dificuldades, depois, havia mais técnica.

Dando sequência ao trabalho, apresentei um filme para acirrar as discussões a respeito da segregação racial. “No Limite”⁹ ou “The Express”, tem enredo baseado numa história real. Narra a trajetória do jovem atleta Ernie Davis, o primeiro negro norte-americano a

9 Filme produzido pela Universal Pictures associado com Relativity Media. Uma produção de Davis Entertainment Company. Filme de Gary Fleder comercializado por DVD Vídeo, 2008.

vencer o prêmio Heisman Trophy¹⁰ e, mesmo assim, impedido de disputar a Liga Profissional. Ele superou os mais terríveis obstáculos, econômicos e raciais, para se tornar um dos mais rápidos e habilidosos running back da história. Sobre orientação de um técnico branco, Ben Schwatzwalter, um pai de família obcecado pelo título nacional, Ernie transforma-se numa verdadeira lenda do esporte universitário. Após a audiência ao filme, solicitei aos alunos um texto crítico sobre dois momentos que eles consideraram importantes. O objetivo daquela atividade foi avaliar se os alunos observaram situações do filme que evidenciassem as relações sociais associadas à manifestação cultural corporal. A tentativa foi levá-los a perceber a teia de significações que envolvem o futebol americano, a sociedade, as segregações, as arbitrariedades, o poder econômico, o negro como sujeito, a torcida branca e a torcida negra. Situações raciais, econômicas, políticas e culturais moldadas na sociedade e que foram destacadas no filme.

Dos textos elaborados pelos alunos, selecionei os excertos que seguem, os quais subsidiaram as futuras discussões em sala de aula. “É um momento que mostra que o preconceito racial é passado, como cultura, de pai para filho, e que, desde pequena, a criança já aprende a tratar os não brancos como inferiores, se achando melhor que os outros”. “Essa cena oferece ao espectador um panorama preciso das dimensões que a segregação racial havia tomado nos EUA, quando é mostrado que era até mesmo considerada a ideia de montar-se um time mais fraco do que o

10 Troféu dado ao melhor atleta da temporada universitária. Até então, conferido apenas a atletas brancos.

possível, contanto que não houvesse um negro presente”. “Como na época o preconceito era permitido, a opressão vinha do próprio governo, logo, nada fazia com que as pessoas acreditassem que aquilo estava errado”. “Ao vencer o Cotton Bowl¹¹ sobre o Texas (Estado extremamente racista) e ser eleito o melhor jogador, Ernie rejeitou receber o prêmio, pois, no clube só podiam entrar brancos”. “A cena que mostra os negros na lavoura, não tinha brancos.” “Ernie, que aprendeu com seu ídolo, Jim Brown¹² a ficar em silêncio e resolver em campo”.

Dando encaminhamento ao projeto didático, conversei com o professor de Física, que joga rugby, e pedi que conversasse com os alunos a respeito das regras, da bola e do arremesso. A minha intenção era confrontar as regras do futebol americano e do rugby. Após analisar os movimentos do arremesso e esclarecer dúvidas, o professor explicou sobre as diferenças de vestimentas nos dois esportes, sobre violência nas manifestações, o contexto do rugby no Brasil e no cenário internacional e apontou as diversas curiosidades acerca do esporte.

Na aula seguinte, retornando às vivências práticas, solicitei ao grupo que organizasse as partidas com base nas regras construídas pela classe e, caso necessário, poderiam modificar novamente as regras. Houve partidas mistas e algumas só com meninas. Algumas meninas ainda tinham receio de jogar com os meninos, outras, não tinham nenhum problema, inclusive, partiam para cima dos marcadores. Em determinados momentos, entre uma partida e outra, discutíamos sobre o que o professor de Física havia falado e como colocar em prática.

11 Torneio que acontece em Dallas, Texas na liga universitária de futebol.

12 Atleta negro que jogava Futebol e chegou até a liga profissional (NFL)

O projeto, de uma forma geral, teve uma aceitação muito boa. Houve momentos de conflitos, discussões sobre os assuntos ligados à prática, análises dos movimentos específicos da manifestação, muitos movimentos sofrendo adaptações, indagações sobre o arremesso do futebol americano, pontos de vista sobre o racismo, pressões sociais, preconceitos sociais. Enfim, acredito ter possibilitado o acesso a outros conhecimentos da Educação Física escolar de uma forma crítica e transformadora, chegando ao estudo de outras culturas e no final, à abertura a novos questionamentos e futuros projetos.

Considerações

A leitura do relato de experiência do Professor Alexandre possibilitou-nos refletir sobre quanto o ofício de professor é político, parcial e pautado na incerteza e na transitoriedade.

Ao mapear a turma para organizar suas ações didáticas, o professor traz consigo suas crenças, suas representações e seus valores pessoais.

O fato da escola não ter alunos negros, apenas funcionários, freiras e professores, de certa maneira transmite uma ideia de representação social da população negra ou afrodescendente para os estudantes, mesmo que estas não estejam explícitas.

Ao emergir dos alunos a temática a ser estudada, o envolvimento e o comprometimento com as aulas ficaram visíveis. O fato de grande parte da turma ter acessado a cultura estadunidense por meio de intercâmbio, contribuiu na eleição da temática e possibilitou ampliar as representações sobre a cultura e o processo

histórico e social na constituição do futebol americano.

A tomada de decisão do professor e o seu planejamento representaram a diferença na elaboração e execução das ações didáticas.

Ancorando socialmente¹³ os conteúdos, é possível observarmos no relato a presença da interdisciplinaridade com aspectos estudados em outros momentos, como também a participação do professor de Física, praticante de rugby, possibilitou maiores relações e integração no trabalho realizado. Olhar para a manifestação cultural não é algo “exótico”, possibilita a problematização para situações didáticas de reflexão em relação às práticas sociais, dando voz aos representantes da manifestação cultural estudada.

Nas aulas de Educação Física, na perspectiva da cultura, os princípios norteadores como o reconhecimento das identidades culturais¹⁴, descolonização do currículo, justiça curricular¹⁵ e o daltonismo cultural¹⁶, podem facilitar o professor, muitas vezes, na tomada de algumas decisões, em relação à escolha de filmes, narrativas, a presença de algum convidado que represente a manifestação, como também a orientação para pesquisas que virão

13 A ancoragem social dos conteúdos propõe que as atividades de ensino venham da promoção de uma análise sócio-histórica e política das manifestações da cultura corporal, tomando como ponto de partida a prática social.

14 O reconhecimento das identidades serve para proporcionar aos estudantes espaços para que estes percebam a construção da própria identidade, relacionando-a com a história de seu país e os processos sociais que a constituíram e a constituem.

15 Descolonizar o currículo e a justiça curricular estão articulados às atividades de ensino, atribuindo às diferentes práticas corporais a mesma importância, validando as diferentes origens, oferecendo condições para que os estudantes questionem as experiências corporais divulgadas como únicas válidas para a aprendizagem social.

16 O daltonismo cultural é a preocupação com a intenção de evitar a homogeneização ou uniformização da diversidade cultural apresentada pelos estudantes, apresentando também uma falsa ideia de igualdade que tende a tratar a todos da mesma forma e objetiva o alcance dos mesmos comportamentos.

a ser realizadas pelos estudantes para interpretações posteriores.

Em conversas com alguns colegas, a opção por se trabalhar na perspectiva de um currículo cultural de Educação Física, por vezes, é questionada e relacionada a uma ideia em que aconteçam “práticas” (vivências corporais), distanciando-se talvez da especificidade da área, o que podemos constatar como um grande equívoco ao observarmos o relato.

A relevância dada pelo professor às vivências corporais para as ações didáticas sugeridas, viabilizou o desenvolvimento da temática, por vezes possibilitando ampliações da abordagem para outros questionamentos como as questões de gênero, a origem e produção de sentido da manifestação cultural, por exemplo.

As diferentes textualidades apresentadas durante o desenvolvimento da temática, tais como a vivência das ações de jogo, da gestualidade específica da manifestação, o filme, as pesquisas realizadas pelos estudantes, demonstraram com a conclusão parcial, já que nessa perspectiva as considerações são parciais e transitórias, a importância de dispositivos de diferenciação pedagógica apresentados por Cortesão e Stoer (2008).

A interdisciplinaridade, uma das características que fundamentam os Estudos Culturais, traz questões importantes a serem refletidas e analisadas, como as ações de grupos sociais em relação à padronização do conhecimento, o conhecimento direcionado a apenas uma área e não a várias, o ímpeto de legitimar certas práticas e conceitos, o professor como o detentor do conhecimento negando a bagagem cultural dos alunos e seus arredores. A teoria traz à tona outra lógica de pensar as ações sociais e conseqüentemente a escola. A todo o momento existe

um repensar e uma nova significação. As explicações não são únicas e universais, mas frutos de negociações e relações de poder, assim como os conhecimentos também não são fixos.

Deste modo, podemos ressaltar a necessidade do professor ser um estudioso das manifestações da cultura corporal, como aponta Neira (2007), já que muitas informações apresentadas pelos estudantes se tornaram preponderantes a todo o momento, possibilitando o surgimento de outras leituras, produções, como também outras formas de escrever coletivamente esse currículo multicultural.

Referências Bibliográficas

CORTESÃO, L.; STOER, S. R. A interface de educação intercultural e a gestão de diversidade na sala de aula. In: GARCIA, R. L.; MOREIRA, A. F. B. (orgs.) **Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios**. São Paulo: Cortez, 2008.

ESCOSTEGUY, A. C. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. **O que é afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

_____. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

GIROUX, H. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional**. Novas políticas em Educação. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

McLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.

MEDEIROS, D. H. **1968**: Esquina do mundo. São Paulo: Editora do Brasil, 1999.

NEIRA, M. G. **Ensino de Educação Física**. São Paulo: Thomson Learnig, 2007.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.